

M.P.



Ilustração Portuguesa

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

rown Ribbon and Carbon Mtg. Co.<sup>a</sup>

Machinas de escrever,  
accessorios e oficinas de reparações  
Preços resumidissimos

J. Anão & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>  
R. Nova do Amparo, 6. 2.<sup>o</sup>  
Telefone 2536 LISBOA

838

**Perfumaria  
Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIBOS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

**FOTO-BAZAR**

39. R. Fabrica, 43 -- PORTO

O maior deposito no norte  
de Portugal, de todo o material  
fotografico

Peçam informes e preços á nossa casa  
DESCONTOS A REVENDEDORES E FOTOGRAFOS

O melhor  
Cha exportado da  
Inglaterra é o  
Cha Endvar

Solicitamos Agentes  
Compradores para os  
mercados aonde não  
tenhamos representantes

## CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.  
38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



## TONICO YILDIZIENNE

*O tesouro dos cabelos*

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do  
ouro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

*Tintura Yildizienne*

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

*Regenerador Yildizienne*

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

*Schampoo Yildizienne e Skaffe*

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

*Brilhantina liquida Yildizienne*

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

*Brilhantina solida Yildizienne*

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

### Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641  
Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta  
ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



AMELIA  
REY  
COLAÇO

UM  
DOS SEUS  
ULTIMOS  
RETRATOS

## MINHA SENHORA

**N**ÃO me permite a modéstia acreditar que V. Ex.<sup>a</sup> me pede conselhos senão porque a idade presuppõe o saber, filho da experiência—engano em que facilmente caem os incautos; no entanto, como V. Ex.<sup>a</sup> poderia dar ao meu silencio a desagradavel classificação de vaidade, que petrifica e torna inacessíveis os egocentricos, eis-me prestes a responder, não a todas as perguntas de V. Ex.<sup>a</sup>, mas ás duas ou tres primeiras, se para isso chegar o espaço que aqui me concedem, magnanimamente.

Tenta V. Ex.<sup>a</sup> a poesia e deseja conhecer os «modelos a seguir». Nenhum, minha senhora; siga V. Ex.<sup>a</sup> a sua própria inspiração, escreva sinceramente, erradamente, pessimamente até, mas sem «modelos», porque o que deve reflectir-se na obra de arte é a alma do artista e não as alheias; e, quanto á correccção, ela virá com o tempo e espontaneamente, sem a preocupação torturante de moldes, que podem produzir aleijões, como o calçado das chinas lhes desforma os pés. Ler, sim; não deixar de lêr—visto que tem a felicidade de ser mulher—as boas poetisas de hoje, Branca de Gonta Colaço, Fernanda de Castro, Virginia Vitorino, Oliva Guerra...—e mais, ler tudo, principalmente os clássicos porque nêles aprenderá que a língua portugueza possui termos para todas as idéas, palavras para todos os pensamentos, sendo apenas necessário combina-las com arte, e não com artificio, para que nos afaguem os sentidos, para que tenham sonoridade, côr, perfume, travo e tactilidade.

Ortografia a adoptar? A official, minha senhora: primeiro, porque é official; depois, porque se decretou sobre bases apresentadas por pessoas de incontestavel autoridade filológica, de nome feito em Portugal e fóra de Portugal, em escritos de sólida erudição. Elas defenderam, porque tinham competencia para o fazer, e só ellas a tinham, a simplificação ortográfica, existente ha muito noutros países latinos, facilitaram o ensino, desembaraçaram de inutilidades muitos vocábulos, deturpáram o menos possível a fisionomia (dantes *physiognomia!*) tradicional das palavras, apesar de desterrarem o *í* grego para a Grécia, com a qual nunca tivemos relações, reduziram ao mínimo as consultas ao dicionário, folheado a cada momento, quando se usava a ortografia de pretendido rigor etimológico (veja as palavras de origem árabe, minha senhora...) e assim conseguiram impôr a reforma aos escritores que não sejam conservadores, ou sentimentais e sinceros, por consequencia respeitáveis, ou que não a considerem infantilmente como medida republicana, repellido-a pelo mesmo motivo porque só passaram a tirar o chapéu em frente das egrejas depois da lei da Separação, para arrelhiarem a Republica, que ficabaladíssima.

Ah! um aviso... Acima, aconselho V. Ex.<sup>a</sup> a ler tudo, mas uma excepção devo consignar por lealdade: leia tudo, menos as crónicas do de V. Ex.<sup>a</sup>

*admirador e respeitoso servo*

ACACIO DE PAIVA

**T**EM sido acolhida com enorme entusiasmo pelos nossos leitores da provincia a nossa secção da *Ilustração Portugueza* a cargo do distinto escritor F. de C. Numerosas cartas tem sido recebidas para este illustre escritor, que a todos responde com a maior brevidade e extensão.

F. de C. continua a pôr á disposição de todos os leitores da *Ilustração Portugueza* a sua experiencia e a sua boa vontade. Poetas humildes, prosadores ignorados, dramaturgos inexperientes, tem mandado a F. de C. os seus trabalhos que os estuda com atenção, dando depois aos seus autores os seus conselhos e as suas lições em carta particular. Para maior estimulo resolveu F. de C. publicar todos os sabados, nesta mesma secção, a poesia que mais lhe agrada dentre aquelas que recebeu durante a semana, publicando já este numero umas lindas quadras dum ignorado poeta de Peniche.

Todos os mezes, como já dissemos, haverá um concurso, sendo publicada na *Ilustração Portugueza*, numa das suas paginas, a poesia ou a prosa que mais agrada a F. de C., com o retrato do autor e desenhos dum dos nossos melhores illustradores.

Esta secção é especialmente destinada aos senhores assinantes e filhos de assinantes. Porem todos aqueles que desejem as lições de F. de C. não têm mais do que fazer uma assinatura de tres mezes.

Eis as quadras de *Joaquim de Oliveira Desiderio*, morador em Peniche, que nestes versos simples revela uma fina sensibilidade e uma delicada alma de artista:

Duas estrelas que além  
Caminham p'la noite escura,  
São os olhos do meu bem,  
Que andam á minha procura.

Quando eu morrer não desejo,  
Nem caixão, nem mausoleu...  
Quero a mortalha d'um beijo,  
E a cova no peito teu.

Os teus cabelos compridos,  
Quando te beijam a face,  
São como serpentes negras  
Que o teu olhar encantasse.

**N**UM «ménage» de actores, em segunda-feira de Entrudo, *Ela* de *robe-de-chambre* e cabeleira em desordem, gosando preguiçosamente as delicias do leito tepido. *Ele* já levantado, preparando-se para sair, de colete na mão:

—Que maçada! — resmungo ele — dá-me aqui uns pontos... Falta-me um botão e a algibeira está des-cosida...

—Ora deixa-te disso! — remata ella, virando-se para o outro lado. — Hoje ha tolerancia de ponto.

**P**OR absoluta falta de espaço somos forçados a retirar a secção de quiromancia dirigida por *miss Mabel* e a secção dos «Livros da Semana».

**E**NCONTRA-SE já restabelecido o nosso querido amigo Americo Durão, um dos poetas de que mais se pode orgulhar a geração nova. Este nosso amigo e colaborador foi agredido por ter criticado nas colunas deste *magazine* com a maior correccção, um livro que não nos fóra enviado, julgamos para que dissessemos bem dele...



## A HORA DRAMÁTICA

O barão Jacob levantou-se serenamente, decepou com o dedo a cabeleira empoada da sua cigarrilha magra—e lançou duas frases solenes e desprendidas como ele:

—Até já... Saio, por um quarto de hora... Vou romper uma ligação antiga...

Reinaldo Altamira teve o seu sorriso equívoco de descrença:

—Só um quarto de hora? E' pouco para os tres actos d'um cumprimento: o acto do ciúme, o acto da violência, o acto da separação...

O barão Jacob não teve uma alteração no seu apurmo glabro:

—Eu saberei abreviar... E' um quarto de hora, talvez menos... Depende só d'uma coisa...

—De quê?—quiz saber Arnaldo Patrício interessado...

—Digo-lhes á volta... Até já...

E saíu, cadenciado, irreprensível, na sua ondulação grave de diplomata metálico.

A partida interrompeu-se. Cada um se instalou—cada um naufragou comodamente nos braços de uma poltrona acolhedora. E o conde Teodoro, com o seu ar abonecado d'Efebo, os seus olhos dum esmalte cruel, azuladamente cruel, agitou a futilidade duma pergunta:

—Quem é ela?

Os intimos do barão Jacob olharam-se, n'uma ondulação de duvida. E, por fim, Reinaldo Altamira esclareceu:

—Quem é ela? São duas, meu amigo. Não sei qual d'elas será a escolhida para a hora dramatica d'esta noite...

E como todos, n'uma vaga indiferença curiosa, quizeram saber pormenores, Reinaldo Altamira alongou-se a contar a dupla aventura do barão Jacob:

—A grande inferioridade das mulheres—você sabem...—é acreditar sempre os homens quando eles brincam e nunca os acreditar quando eles falam a sério...

—O barão Jacob fala alguma vez a sério?—interrompeu logo Teodoro...

—Fala sempre a sério quando ninguem conta com isso—explicou Reinaldo Altamira—e é essa a grande força da sua vida...

E acendeu o seu tabaco ambarizado. Para Reinaldo Altamira era indispensavel fumar enquanto falava. O fumo—era a moldura eterna das suas palavras:

—O barão Jacob—uma noite de inverno, uma d'essas noites de luar glacial, em que o ambiente é um *ice-berg* fluido, entrou n'um *club* qualquer e instalou o seu desdem em frente a uma taça de *whisky*... Sabem a atracção do barão Jacob, quando surge assim, isolado e milionario, a um canto notívago. Varios olhares se fixaram n'ele, n'um hipnotismo de ofertas. Uma loira sumptuosa, cleopatrina, desfilou em frente, na sua pompa oxigenada. Ao barão Jacob acudiu, subitamente, nem

ele sabe ainda porquê, o desejo d'aquela criatura artificial. Traçou um gesto. Ela sentou-se, e para ali ficaram, a ensaiar frases como quem ensaia *toilettes* para o espirito... O barão Jacob decidiu observá-la. E foi descobrindo uma saia vermelha e inquietante, duas olheiras lilazes como horizontes d'outono e uma epiderme lactea, uma epiderme onde cada beijo seria um tom forte, um criminoso trofeu de volúpia... Ela pôsava, inconsciente, iludida, julgando que ele queria procurar a sua Alma—explorar o Polo Norte da sua Alma... E, sem querer, cada vez que procurava uma ideia, tinha uma atitude... A ideia nem sequer era ouvida, mas a atitude ficava a incendiar os sentidos do barão Jacob, como um *travesti* que desnuda... Falava-lhe em apetites paradoxaes, em simbolismos ineditos, em aniedades vertiginosas—e, afinal, a verdadeira vertigem era a sua boca que se oferecia como um abismo de veludo; o verdadeiro simbolo era a bacanal ruiva dos seus cabelos enovelados, enovelados como corpos d'ouro n'um grande *divan mi-terioso*; e o verdadeiro apetite era o dos seus dedos dadaístas, os seus dedos que eram como crianças violadas, como crianças sabias, como crianças malabaristas de sonhos... O barão Jacob decidiu levantar-se e levá-la consigo como uma compra—quando surgiu, n'uma ambição de suplantá-la, uma mulher diametralmente oposta, uma mulher que parecia uma prova negativa da outra, nas *maquettes* ocultas que a natureza possui... Era de um moreno inacreditavel, quasi de um moreno escandaloso. Longe do turbante loiro da outra cabeleira, os seus cabelos eram linhas desarrumadas e rebeldes, caíndo, soltos e curtos, sobre a sua pele tépida e febril... As pupilas eram raras e dogmaticas como duas perolas negras—eram duas pupilas de luto, mas um luto de Carnaval, um luto, atraz do qual a bacanal surgia, mais excitante. E os seus braços eram lentos e envolventes como serpentinas macias, serpentinas cõr de carne, serpentinas pezadas como algemas... O barão Jacob vacilou, entre ambas, incerto... E, afinal, resolveu-se por uma solução orgulhosa: levou as duas...

Teodoro, ancioso por cortar a historia de Reinaldo Altamira, ancioso tambem de colocar alguma frase paradoxal, teve dois conceitos inuteis...

—O barão Jacob fez bem. Um só tipo de mulher—seria, para ele pouco ainda. Levando as duas—conseguiu pelo menos a sensação intensa do contraste...

—Mas o barão Jacob, instavel como todos os siba-ritas, não tolerou por muito tempo o idílio duplo. Elas começaram a odiar-se, femininamente como feras. E ele então, exausto, preferiu separá-las...

A cigarrilha agonizava, n'um esfusar de cinzas tenues. Reinaldo acendeu outra, maquinal, e a sua voz cansada voou de novo:

—Principiou então o *collage* intermitente. Cada uma era preferida á outra, conforme os dias. Para o tedio cinzento dos dias morbidos—o barão Jacob escolhia a *gavrocherie* sabia da morena, que era um pouco de Montmartre na sua vida serena de aristocrata. Fustigava-lhe os sentidos com a sua beleza de *caveau* civilizado. As gargalhadas que ela lançava ao ar, n'um castanholar de guizos, eram para ele como campainhas de circo, estridulas, a distrair o seu *spleen* de sonhador desencantado. A loira, a hieratica, a pompadouresca, era para as jornadas da excitação, as jornadas em que se sentia cruel e volutarioso, com um grande capricho cinico de esfarrapar bonecas, entre os seus pulsos viris. Ao contrario da outra, esta era uma submissa, uma apagada, aceitando no *écran* das voluptosidades, não apenas um papel gritante de protagonista, mas sim um papel quebradiço de comparsa. E assim tem vivido o barão Jacob, n'este diptico contraditorio, atravez a pulsação do século vinte...

Reinaldo parára mas achára infelizes as suas palavras ultimas... E assim, conseguiu uma conclusão mais digna d'ele:

—E aqui está; agora o barão Jacob, liberta-se, volta para a arena, rompe com a morena vulcanica e com a loira gelada... Deve ir em procura das temperaturas médias...

—D'essa maneira, o barão Jacob terá duas horas dramaticas em vez duma! Deve ser apavorante!

—Horas dramaticas!—ironizou o conde Teodoro, n'uma rizada.—As horas dramaticas passaram. Já não ha hoje horas dramaticas!

Correu, lentamente, o silencio. Subitamente, assomou, detraz dos reposteiros, a ondulação dum vulto. O barão Jacob saiu dos bastidores, entrou em scena...

—Então?—perguntou Reinaldo Altamira—Consumado?

—Consumado—sintetizou o outro—Quatorze minutos...

—E de que dependia afinal?

Seguro do seu feito, o barão Jacob mostrou o seu livro de cheques, com duas folhas separadas, duas fortunas decepadas...

—Dependia das joias que apetecessem a cada uma delas... Foi este o meu argumento, a minha vitoria... Sorriram-se todos. E a voz de Teodoro teve um hiato de ironia, malévola, inteligentemente felino:

—Eu não lhes dizia que já não havia horas dramaticas?

João AMEAL

# DUAS JAPONEZAS



## AS IRMÃS CRISANTEMO

**A** companhia de opera que esta época veio a S. Carlos, trouxe-nos, entre outras pessoas interessantes—um artista lirico é sempre interessante, se é homem, para as mulheres, se é mulher, para os homens—trouxen-nos—uma japoneza.

Para nós, ocidentais extremos, uma japonesa é sempre uma figura estranha, bizarra, misteriosa—aguarelas de Ufamaru, sinteses de crisantemos. E sinteses porque a japoneza é toda sintetica, como a sua arte. Se ela tem a linha exotica, a elegancia extravagante, o ar enigmatico do crisantemo, não tem o seu *brou-ha-ha* de folhas. A mulher japoneza é, por isso, um crisantemo sintetico.

Eu o pensava olhando, ocidentalmente, para *mademoiselle* Teiko Kivva,—a japoneza que a companhia do teatro de S. Carlos trouxera expressamente para interpretar, com toda a côr e toda a alma, a *Madame Butterfly*, a encantada opera de opiados ritmos e misteriosa graça.

Mas a *mademoiselle* Teiko Kivva faltava o *decôr* japonês—sem o qual uma japonesa perde metade da nacionalidade. Não havia esteiras doces, nem *bibelots* marfinezos, nem biombos de laca. Era num

quarto do *Hotel-pensão*, da rua do Alecrim. Meu Deus! Toda a alma enigmatica e bruxoleante do Japão, numa pensão de familia. O Japão hospede, o Japão comensal, o Japão num quarto alugado!

Com o seu sorriso triste, um sorriso que se podia chamar bem amarelo, *mademoiselle* Teiko Kivva fez-mo notar, apontando-me as paredes do quarto, que eram, na verdade, tudo quanto ha de mais—rua do Alecrim.

Dentro em pouco, porém, o ambiente ia tomar côr e character, a decoração ia adornar-se duma *japonnerie* movel e viva. E' que Teiko Kivva tem uma irmã. Uma irmã, cujos passos comprimidos eu ouvia já no corredor e que *mademoiselle* Teiko Kivva—pensava eu—trazia consigo, como seu *decôr*, como as companhias em *tournee* trazem o scenario...

Mas quando o *cretone* do reposteiro se levantou, em vez do Japão, numa cabeça de mulher, eu vi, eu recebi, em cheio, uma revoada de cabelo loiro. E *mademoiselle Crisantème* (chamemos-lhe assim, visto que eu não lhe fixei o nome) entrou, fina, flebil, fluvia, inteiramente, caprichosamente traduzida para inglês. Chamemos-lhe, por isso, antes—*miss*. *Miss*, por sêr loira, de um loirode tabaco egipcio; crisantemo,

porque é o nome de todas as japonezas cujo nome ignoramos, desde que foi o daquela japoneza que para Loti não passou de uma rosa de Malherbe.

O *shack-hand* que trocámos foi perfeitamente ocidental; ela foi, talvez, um bocadinho ocidental de mais; eu, talvez, um pouco japonês.

Miss Crisantemo, afastou-se, relegou-se para o seu papel de pano de fundo da irmã. *Mademoiselle* Teiko Khiwa esperou, pacientemente, que a interrogasse, em francês, naquele francês convencional que é a terra de ninguém de todo o mundo.

Fiz-lhe as perguntas sacramentais. Não lhe perguntei a idade, que não se pergunta a ninguém, do sexo feminino,—mesmo quasi antipoda. Mas *Mademoiselle* Teiko Khiwa está na idade de ouro das mulheres, a deliciosa menor idade em que elas desejariam ficar toda a vida. Tem 19 anos. Disse-me que nasceu em Yokohama,—um vago ponto entre bambús, na minha imaginação.

*Mademoiselle* fala francês, inglês e o italiano das operas. Deve ser culta e viajada, dentro dos seus 19 anos. E'. Esteve em Italia, é claro, na Milão dos cantores. Mas visitou também a America, a França, a Alemanha, a Holanda. É uma japoneza muito acostumada a ser estrangeira.

Mas havia uma pergunta que me andava a bailar na curiosidade. Como é que Teiko Khiwa se lembrou de ser cantora? Como é que no Japão pôde nascer a ansia cosmopolita e civilisada de cantar, correr mundo, fazer opera—na arte e na vida?

Teiko Khiwa explicou-me—que a vocação. Estudou em Tokio. Foi depois para Milão, onde o *maestro* Vittorio Guy—é assim, não é, *Mademoiselle*?—

encantado com a sua voz e a sua *japonnerie* se lembrou de a trazer a Portugal, a fazer a *Butterfly*.

*Mademoiselle* Teiko Khiwa estreou-se em Portugal. Portugal ficará, na sua memoria, como o seu primeiro teatro, a sua primitiva ribalta.

E' claro que ela gosta imenso de Portugal, e está encantada com o nosso publico. Está, especialmente, encantada com as atenções dos jornalistas.

Que vai fazer, depois, da sua estreia, *Mademoiselle* Teiko Khiwa? Vai ao Porto, cantar a *Butterfly*. Depois, regressa a Milão, a estudar, a estudar ainda, a estudar mais.

E pouco mais, do misterio oriental de sua bôca, para a minha curiosidade ocidental, ela teria que dizer,—se Miss Crisantème não intervisse, curiosamente, a pupila azul lucilante, a cabeleira numa aureola nevoenta, a falar—a falar de Portugal, a falar do Japão.

Miss Crisantème é muito culta e muito interessante. Quando lhe falei em Arte—a Arte subtil dos velhos mestres japoneses, que os Goncourt nos revelaram—foi-me buscar uma imensidade de litografias japonesas, papeis de arroz, irisados, como borboletas, todo um Japão claro e colorido, alacre e discreto, ao mesmo tempo,—que é uma aguarela.

O resto da entrevista passou-se na contemplação religiosa daquelas aguarelas—perfeitas, claras, cristalinas, onde todo um mundo se reduz a sínteses de Beleza e a paisagem se harmonisa em simetrias esbeltas, de fazer inveja aos seus deuses obliquos...

AFONSO DE BRAGANÇA







Da esquerda para a direita. No primeiro plano: as sr.<sup>as</sup> D. Narcisa de Menezes, D. Maria de Carvalho, D. Maria José Teles da Silva, o sr. Conde de Sabugosa e a sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Castro; no segundo plano: os srs. Antonio de Bourbon, Americo Durão, José Dias Sancho, Manuel Colares Pereira, José Parreira, Bernardo Marques, Leitão de Barros, Afonso de Bragança, José Pacheco, Alfredo Pimenta, João Ameal, Antonio Ferro e Antonio de Menezes

(Cliché Salgado)

NA *Ilustração Portuguesa* realizou-se, no sábado passado, a leitura da peça em três actos, «Naufragos», original de Fernanda de Castro, a festejada poetisa das «Danças de Roda» e da «Ante-Manhã»... Essa leitura constituiu um triunfo para Fernanda de Castro. São tres actos fortes, reveladores de um alto temperamento de escritora teatral. A acção passa-se no Algarve, entre pescadores. A justeza da linguagem, o brilho do dialogo, o desenvolver da acção, impressionaram toda a assistencia que saudou carinhosamente Fernanda de Castro, no final da leitura. A peça, que vai, certamente, causar grande sensação, será representada no teatro Nacional, na epoca que vem.

Após a leitura foi servido um chá, tendo sido assim inauguradas as tardes de Arte que a *Ilustração Portuguesa* vai proporcionar aos seus amigos.



Alvaro de Castro  
«Leader» Reconstituinte

# CRÓNICA DE S. BENTO



Correia Barreto  
Ministro da Guerra

HA deputados que para falar gritam. O povo tem mau ouvido: julga que cantam. Por isso chama aos discursos «cap-tigas»...

O sr. Alvaro de Castro não teme debates nem acusações: aparece sempre de cabeça descoberta...

Jornalistas parlamentares, quere dizer: os que tem os trabalhos forçados do Parlamento...

Gasta-se tanta palavra em S. Bento que, para falar, é neces-sário pedi-la, em altos berros...



Um plágio político  
O braço de José Estevam...

Uma sessão parlamentar é um mostruário de vozes: mais fortes, mais fracas, mais ternas, mais rudes, — um perfeito or-feon politico que executa os mais dissonantes acordes sob a regência do sr. dr. Domingos Pereira...

No entanto, em S. Bento, como no teatro, ha cantores que não tem publico assim como ha outros que estão em voga. O tenor mais teimoso da câmara é o sr. Carvalho da Silva. Pode-se-lhe chamar o segundo cantôr das glórias nacionais... O primeiro é Camões.



Bartolomeu Severino  
Deputado democratico

Se é de boa politica ter conversa para todos, o sr. Antonio Maria da Silva é o primeiro politico português...

Depois do presidente do mi-nisterio falar, é indubitavel que o sr. Vitorino Guimarães é quem apresenta a mais linda colecção de adjectivos...

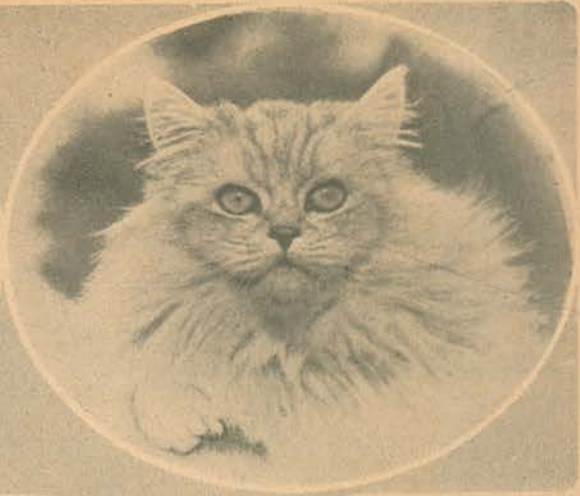
Rajadas de eloquência, apoiadós, protestos. Grita-se, invo-ca-se o «regimento»...

Será com a guarda republi-cana?

S.



João Pessanha  
Deputado democratico



O Angora é o bibelot moderno, um bibelot animado, um pesa-papeis como alguém já lhe chamou. O Angora está para a casa como o regalo está para a mulher: aquece-a, dá-lhe ternura, dá-lhe volúpia. A *Ilustração Portuguesa* resolveu oferecer uma página de Angoras aos seus leito-



res. Quando faltam as fotografias das mulheres, ha sempre um recurso nas fotografias dos gatos, embaixadores das mulheres no reino Animal. Porque não se hade fazer um concurso da gata mais linda? Seria talvez a unica fórma viavel de achar a mulher mais linda...



# O ELOGIO DAS HORAS

XI

CONTINUAÇÃO)

*Dez horas da manhã; os transparentes  
Matizam uma casa apalaçada,  
Pelos jardins estacam-se as nascentes,  
E fere a vista, com branduras quentes,  
A larga rua macadamizada.*

CESARIO VERDE

**D**EZ horas da manhã... A Hora cristalina, a hora metálica, a hora que, na gaiola do mostrador, pula de minuto para minuto, no poleiro dos ponteiros, como um rouxinol feliz—em trinados repetidos...

A Hora branca em que a terra é caiada, engomada, a reluzir, a brilhar peitilho lustroso onde o sol, cravado ao meio, lembra um alfinete de brilhantes...

Abro a janela, tomo o apetitivo da luz, debruço-me...

Os meus olhos desdobram, com indolência, esse hilariante *magazine* de caricaturas que é a minha rua, a esta hora...

Acolá, a traços fortes, quasi em borrão, um policia courtelinesco, de bigodes firmes, hirtos, como um gancho de cabelo com as pontas reviradas, a pança enorme, tenebrosa—um carcere ambulante para gatinhos perigosos...

A minha porta o sr. Porteiro, chefe da Reparação do Pata-mar, dá expediente ao lixo, despachando-o, severo e digno, com a vassoura do estilo...

De mãos nas ilhargas, creadas e peixeiras regateiam fazendo saltitar, nas estoiradas canastras dos labios grossos, o peixe meudo das linguas desaforadas...

Passam os cauteleiros, caricaturas fugidias, com uma legenda luminosa: *A' manhã é que anda a roda!* Soldados toscos, mal feitos, infantis—desenhos

dum principiante — põem nodos na rua, no seu cotim de louça esmaltada, onde os corpos caem, miseráveis e sujos, como o rancho nas latas...

Naquela escada, alem, encarvoada de treva, um sapateiro remendão, esfarrapado e velho, com o proprio corpo a pedir meias gaspeas, curva-se sobre

o trabalho, a dar a dar, na atitude martirisada de quem passa a vida sobre uma bicicleta...

Cansados, indolentes, bocejantes, os meus olhos cerram o *magazine* de caricaturas que é a minha rua, a esta hora... Demoro ainda, um pouco, a vista sobre a capa de côres berrantes—uma elegancia de mulher que se alonga numa janela, em frente—retiro, enfim, tomado o apetitivo da luz, sedento, esfomeado, na ansia de sair, de ir para a rua, saborear a vida...



Dez horas da manhã... A Hora religiosa, a hora risonha que é o toque da sineta, a chamar os fieis, para a missa quotidiana...

Filas de mulheres, livros na mão, correm á Escola de Deus...

Entram no templo, ajoelham-se logo, submissas, humildes, todas elas de castigo, perante o Senhor... Envergonhadas, tímidas, no

ceio de encararem os mestres, escondem os olhos nos missais—os seus olhos de palpebras em petalas, que se conservam, entre as folhas dos breviarios, como flores ainda frescas, a perfumá-los...

Na cathedra do altar-mór, o sacerdote preleciona,

ensina Deus, ás almas... Nas paredes da Escola, pelos altares do Templo, aqui e ali, perfilam-se figuras doloridas de Santos — mapas de Dôr — a exemplificarem a fé...

Em certos dias, a recapitular as lições, algumas discipulas são chamadas á pedra, ás lages do templo, junto aos confessionarios, a ver o que aprenderam, se já sabem, acaso, dizer Deus — de cór...

Ao fim da missa, ao fim da aula, as alunas entoam, em córo, o rosario das orações — taboada religiosa onde se ensina a somar as almas, a diminuir o orgulho, a multiplicar os corpos, a dividir, em fatias, o nosso pão...

Saem as devotas. Pela ruas as colegiais de Deus, riem, falam, agitam-se, abrem, novamente, para a vida, as corolas dos olhos... Sente-se o vinho do pecado a correr, a encher até cima as anforas elancadas dos seus corpos... Deus existe no céu. O homem, porém, existe na Vida...

Dez horas da manhã! Hora cristalina, hora metálica — risada ironica de Satanaz, á saída da missa...

XII

*Chacun pénètre dans sa case,  
serrait la main du collègue arrivé  
déjà, enlevait sa jaquette, passait  
le vieux vêtement de travail et s'asseyait  
devant sa table où des papiers  
entassés l'attendaient.*

GUY DE MAUPASSANT

Onze horas da manhã... A Hora burocratica, a hora turbulenta do lar...

Nos corredores sucedem-se os casos da rua... Creadas em correrias, que se atropelam, como carroças, patrões que as insultam como carroceiros, creanças que choram, com satisfação, gatos que lhes garatujam a péle, arranhando-as...

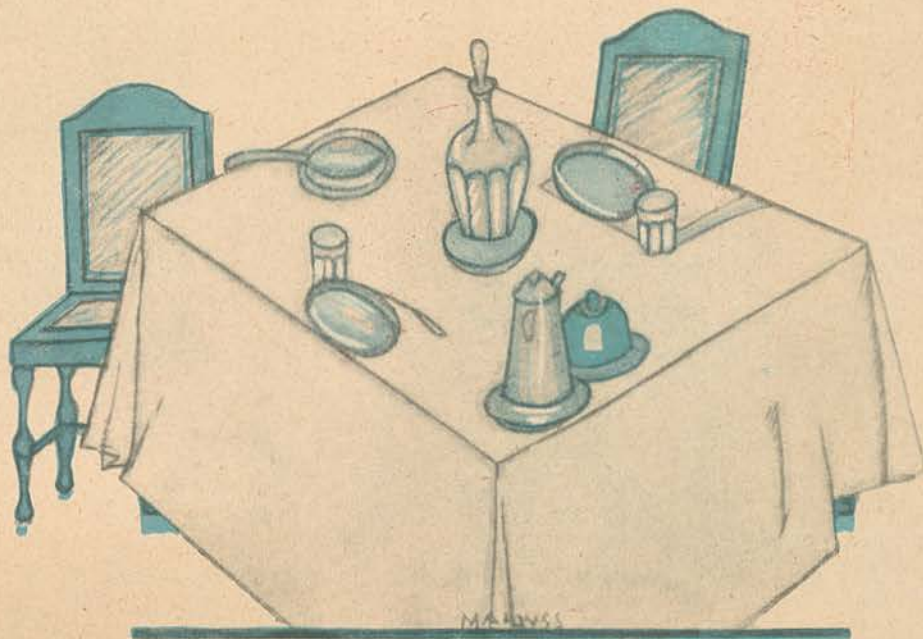
No quarto de dormir, em frente ao espelho, o chefe da familia, retoca-se, burila-se... Um esticão na gravata, um cabelo rebelde que se subjugá, a manga que se escova... Na casa de jantar, o almoço exiguo na vasta mesa, como uma gota de agua no oceano, alimenta a esperança de que se não dê por ele... Azafamado, diligente, na pose da pontualidade, o Kaiser do Lar, senta-se á mesa, olha o relógio, repetidas vezes, a fingir impaciencia, fita os ovos e o bife, com indignação; fulmina-os, encara-os com arrogancia, pega na faca, corta-os, esfacela-os, seputta-os, emfim, na cova dum dente, consumado o crime...

A seu lado, a doce companheira sofre amargos de boca, faz-se humilde, pequenina, exigua como aquele almoço, a ver, tambem, se ele não dá por ela... Terminado o ritual, o preconceito do almoço, o marido ergue-se, vai ainda ao quarto, mirar-se ao espelho, a verificar se está todo... Depõe um beijo indifferente nos lábios da mulher — triste codea de pão para a sua fome — desce, finalmente as escadas, sobe a rua, não olha para traz, certo, entanto, de que ela o espreita á janela, debruçada, pendurada, como um tapete batido...

Mal passa a fronteira da sua rua, o pontualissimo funcionario, abandona o passo, abandona a expressão, pára á espera do carro, um carro especial que lhe não faça doer o corpo, um carro carinhosamente almofadado...

Chega, emfim, á repartição. Espalhados pela secretária, os papeis dormem... Maternalmente, volta-os para o outro lado, retira-os do leito duro da mesa, estende-os no leito fôfo das suas mãos, onde lhes prolonga o sono, pelo dia fóra... Onze horas da manhã... A Hora burocratica, a Hora da pepelada, a Hora em que as mulheres largam os papelotes e os maridos se entregam aos papeis...

ANTONIO FERRO





*Em Santo Amaro. A estação guardada*



*Os primeiros ensaios do pessoal militar*



*O Carnaval da Carris*



*A praça martim, por ocasião de greve*



*Uma «cantonette» que pode, a todo o momento, ser a tragica...*

# A GREVE DOS ELETRICOS.

*(Clichés Salgado)*

# A ENTREVISTA DA SEMANA



Um retrato inédito de Amelia Rey Colaço

## AMELIA REY COLAÇO

**A**QUELA velha casa cor de rosa, em Ribeiro Sanches!—Entrei lá, na doce inconsciência da primeira infância, ao colo da ama;—entrei lá, depois, quando o tio

Rey Colaço era para a minha imaginação uma pessoa temível, porque não se podia «fazer barulho» enquanto ele tocava;—mais tarde ainda, no desabrochar da «fatal negação para o piano» que herdei da minha mãe, cruzei, a tremer, o seu limiar, na consciencia de que não conheceria nunca os acidentes de «si menor», travando apenas relações, por meu mal, com os acidentes em que se me engasgariam os dedos, no titubear desageitado dos acordes de Schumann. Pela primeira vez na minha vida lá entrei o outro dia no cumprimento desta minha missão de jornalista «in partibus»...

Entrevistar Amelia Rey Colaço!...

Quem nos diria a nós que assim nos veríamos, em face um do outro, a «falar para a história», quando em pequenos, na fraternal camaradagem das nossas brincadeiras, ela abusava da sua fragilidade para me extorquir os meus tubos de cana e a chicara de agua onde eu migara laboriosamente um sabonete, só porque as minhas «bólas de sabão» atingiam prodígios de cor e de volume de que ela não conhecia o segredo!...

—Então agora entrevistador, hein? Vê lá o que dizes de mim...

—Podes estar descansada que só digo maravilhas.

—Não trazes papel e lapis? Queres que t'os vá buscar?

—Não. Eu não venho propriamente entrevistar-te...

—E' o que quasi sempre dizem... para depois escreverem o que lhes apetecer...

—Penso fazer isso mesmo. Se o que me disseres não chegar para umas colunasinhas de prosa, invento.

—Hein?!

—E' para me vingar desse mau gesto de nos fugirem para o Porto. Tenho raiva ao Porto...

—Não digas isso! O publico portuense tem sido tão gentil para nós!

—Eu bem sei que é uma cidade encantadora; mas que queres...—Quando é que vocês voltam?

—Achas que já terão saudades nossas?... Voltamos em Abril. Em saindo de S. João damos uma volta pelo paiz. Descemos a Coimbra... Adoro Coimbra como se lá tivesse nascido.

—Foi uma festa, a vossa passagem por lá.

—Uma consoladora festa! O publico, os empregarios,—que foram de uma amabilidade inexcédível,—tudo e todos contribuíram para que passassemos lá horas inesquecíveis. Até os garotos!



O primeiro «travesti»

— Houve um que andou toda a tarde atrás de mim, de narizito no ar, a apontar-me aos seus minusculos colegas: — «Aquele é que é a *Marianela*» — E pareciam satisfeitos com a descoberta...

— Não poderei esquecê-la! No final da representação os estudantes saltaram para o palco e envolveram-nos nas suas capas. Um deles rasgou um pedaço da capa e prendeu-m'a ao peito com um alfinete. Trago-o sempre comigo. É o meu talisman, a minha Grã-Cruz...

— Foste «agraciada» pela Mocidade Portuguesa, na sua maxima expressão intelectual: — a Academia de Coimbra. E como secundou o publico esse exuberante entusiasmo?

— Estando por dez minutos em pé, sem afrouxar um instante a sua vibrante ovação e fazendo chamadas especiaes a Angela Pinto, a Antonio Pinheiro, a todos.

— Angela Pinto e Antonio Pinheiro tambem entram no *Primo Bazilio*?

— Tambem. Estamos a acabar de o filmar. Já foi comprado por uma casa de New-York... Mas o *film* vae fazer ao nosso teatro de declamação um roubo enorme!

— Qual?

— Antonio Pinheiro vae deixar o teatro, para se consagrar exclusivamente ao cinematografo. A scena portugueza perde nele o seu primeiro ensaiador. Quem vês tu a! que se lhe compare?

— Ninguém, realmente.

— Na Primavera, pensamos organizar-lhe aqui uma recita de despedida, com uma representação unica da *Casa da Boneca*.

— Em que teatro?

— No Politeama, onde faremos uma curta temporada.

Nesta altura entrou na sala Robles Monteiro, que, tendo-se feito substituir na peça em scena, no S. João, chegou de surpresa a Lisboa encurtando assim a primeira separação, depois de casado... Demoram-se apenas tres dias em Lisboa.

— Viva! Que tal se vão vocês dando na vossa nova fase? — Perguntei eu.

— Qual fase?

— De «divorciados officiaes»...

— Ah...

E ambos riram.

— Vocês riem-se...

— Ao principio, aborreceu-me imenso essa *blague*... Depois...

— Chamas-lhe *blague*... E' favor. Perfidiasinha muito bem maquinada, e muito habilmente espalhada é que lhe devias chamar... — Voltando ao Politeama: — pensam então fazer lá uma temporada...

— Sim. Curta. E já temos teatro para o inverno, graças a Deus.

— Com que peça contam?

— Levaremos «*Les Ailes Brisées*»... Que linda peça!

— Já a conheço... E' linda!

— Tambem levamos *Braz Cadunha*, com que se estreia no teatro o grande escritor Samuel Maia.

— E' interessante?

— Extraordinariamente! Passa-se na Beira Alta. Tem uma côr local, uma elevação e propriedade de

linguagem, uma intensidade de acção, que fazem dela uma obra notavel do teatro portuguez.

— Fico ansioso por vê-la representada! São tão raros os bons originaes portuguezes...

— Muitos mais poderiam aparecer... não faltam aptidões. Mas hoje em dia, no nosso país, os autores precisam de ter o talento de Bernstein e a energia de Napoleão...

— Como assim?

— O talento de Bernstein, porque a mais pequenina falha lhes é apontada como um crime... A energia de Napoleão porque em geral são tais e tantas as lutas que teem de sustentar para impôr o seu trabalho, que demanda uma energia pelo menos igual á que triunfou em Austerlitz...

— Para não comecarem por Waterloo... De quem achas que é a culpa?

— São varios os culpados...

— Cita alguns...

— Ha-os entre os proprios auctores. Uns, por falta de espirito de camaradagem; outros, por vaidosas exigencias, excessiveis sobre tudo neste periodo de crise; outras ainda, por uma susceptibilidade exagerada, que os leva a considerarem quasi offensivas quaesquer reparos feitos á sua obra, filhos da sinceridade e da experiencia...

— Continua a enumerar os culpaços. Eu ajudo...

Algumas emprezas...

— Algumas emprezas, porque desdenham sistematicamente os originaes portuguezes, ou não os tratam com o devido carinho. Por vezes o proprio publico...

— Tambem?...

— Tambem. Nem sempre sabe medir o esforço realzado, e nem sempre é o bastante imparcial para não deixar que nele criem uma atmosfera de preconceito, mais facilmente hostil de que favoravel.

— Tens carradas de razão. E ninguem te poderia levar a mal, mesmo que fosses um pouco mais severa, porque tu e o Robles teem uma auctoridade especial para falar de originaes portuguezes...

— Não comeces com as classicas amabilidades dos entrevistadores... Ou obrigas-me a inaugurar um sorriso de modestia...

— Não me referi agora ao vosso merito de artistas, que mal me ficaria exalçar. Aponto um *facto*. Todos os originaes que *marcam* no nosso teatro moderno tiveram na vossa interpretação — boa ou má, não a discuto — um factor de triunfo. A *Zilda*, *Os Lobos*, *Entre Giestas*...

— Essa, creada pelo Robles com a Angela Pinto, admiravel temperamento de artista. E tambem podes juntar á nossa galeria o *Ninho de Agulhas*, que o Robles creou com Julieta Simões, essa encantadora rapariga de quem tanto havia a esperar... Levamos todas essas peças no Porto. Fazemos *reprise* delas sempre que podemos...

— Já vês que não era amabilidade... Estão citados todos os originaes modernos de real valor, e a todos ficam ligados, conjunta ou separadamente, os vossos nomes.

— Sim. Creio que ninguem nos poderá acusar de não olharmos com imenso interesse para os nossos originaes.

— E continuaremos sempre fieis á mesma linha de conducta, embora já tenha havido quem lhe chamasse *mania*, — comentou Robles Monteiro.



O primeiro ensaio da «*Marianela*»



Ameliasinha Rey Colaço



— O nosso esforço hade ser sempre orientado no sentido de incitar quanto em nós couber os auctores portugueses.

— Eu que o diga... A tua amisade...

— Não. A minha amisade por ti não influiu na forma por que apreciei a tua peça. Sou muito imparcial. Tanto mais que, contigo, poderia usar de uma franqueza sem rodeios... E o facto de representares tu proprio a tua peça hade certamente aumentar-lhe o interesse.

— Tens alguma fé nas minhas faculdades de actor?...

— Foi contigo que representei pela primeira vez num teatro. A «Sangre Gorda», dos Quintero, naquela recita em que D. Amelia de Burnay de Sande e Castro representou *Papa*. No inverno seguinte fizemos a *Noite d'Octobre*, naquela festa inolvidavel em que a Senhora Condessa de Santar representou a *Bisbilhoteira*...

— O facto de ser um suportavel amator não é garantia que baste.

— Pois não. Mas o facto de representares uma peça tua tem pelo menos o interesse de ser caso virgem, entre nós, que eu me lembre.

— Se exceptuarmos o meu colega Gil Vicente...

— Compreendes que não se podem fazer seguras previsões. Vamos a ver...

— Vamos a ver...

Quando saí, inda o Sol ia alto. E lá ao longe, na barra, estava um desordenado batalhão de nuvens á espera dele.

A claridade outomniça entristeceu-me. E puz-me a pensar se a minha Chymera não passará de uma «bóla de sabão» da minha fantasia, igual áquelas que me divertiam em creança... Se o proprio mundo, tambem irrisado de mil côres e sulcado de mil tons, tambem fragil e vario, não passará de uma grande «bola de sabão» atirada ao Espaço, por um passatempo infantil, ha muitos milhões de anos, na meninice longinqua de Jeovah...

THOMAZ RIBEIRO COLAÇO



No camarim

# ECOS DO CARNAVAL



No «atelier» do pintor Matoso da Fonseca. Um grupo tirado por ocasião duma festa realizada naquele «atelier» num dos dias do Carnaval



As creanças dão sempre, nos Carnavais de Lisboa, a única nota de bom gosto. As fotografias que publicamos são uma prova desta afirmação

(Clichés Salgado)



A caravela de Colombo  
(fac-símile duma gravura em madeira, de 1493)

## MALHEIRO DIAS

E

### A "HISTORIA DA COLONISAÇÃO"

**P**ERDEU-SE, decididamente, em Portugal, o culto varonil da Raça. Debruçam-se as atenções sobre os pequenos sucessos *terre-à-terre* da vida de hoje — e esqueceram-se os profundos, os largos, os iluminados ensinamentos da vida antiga. «A Historia da Colonização Portuguesa no Brasil», que a admirável devoção lusitana de Carlos Malheiro Dias tem conseguido realizar, através de todas as canceiras e de todos os obstáculos, levantando á sua volta um esforço excepcional e formidável — «A Historia da Colonização Portuguesa no Brasil» só conta, entre nós, um numero reduzidissimo de assinaturas. Entre a avalanche de sintomas dolorosos que o Portugal hodierno nos mostra — é este um dos mais tristes, um dos mais profundamente tristes. E' o sintoma da indiferença pelo Passado — pelo Passado que é a nossa Gloria e o nosso apoio. E' o sintoma da anemia nacionalista que corrompe o organismo actual do país. E' o sintoma de um naufragio de orgulhos sagrados — dos orgulhos sagrados da epopeia.

E' preciso que se repare essa quebra patriótica — que se erga de novo, entre nós, o misticismo tradicionalista. Uma das paginas maximas da nossa historia fulgurante é essa da colonização do Brasil. Foi então que Portugal, milagrosamente, deu ao mundo um outro mundo novo. Foi então que os horizontes se alargaram, pela aventura de Pedro Alvares — e que nós revelamos aos continentes outro continente, moço e fértil, trémulo de luz, pletórico de seivas!

Carlos Malheiro Dias, o romancista extraordinario, o grande romancista português — tem sido, no Rio de Janeiro, o Paladino da Raça. A sua divisa resume-se na legenda heroica e unica: Portugal. A sua actividade, multiplicada e triunfal — é uma eterna

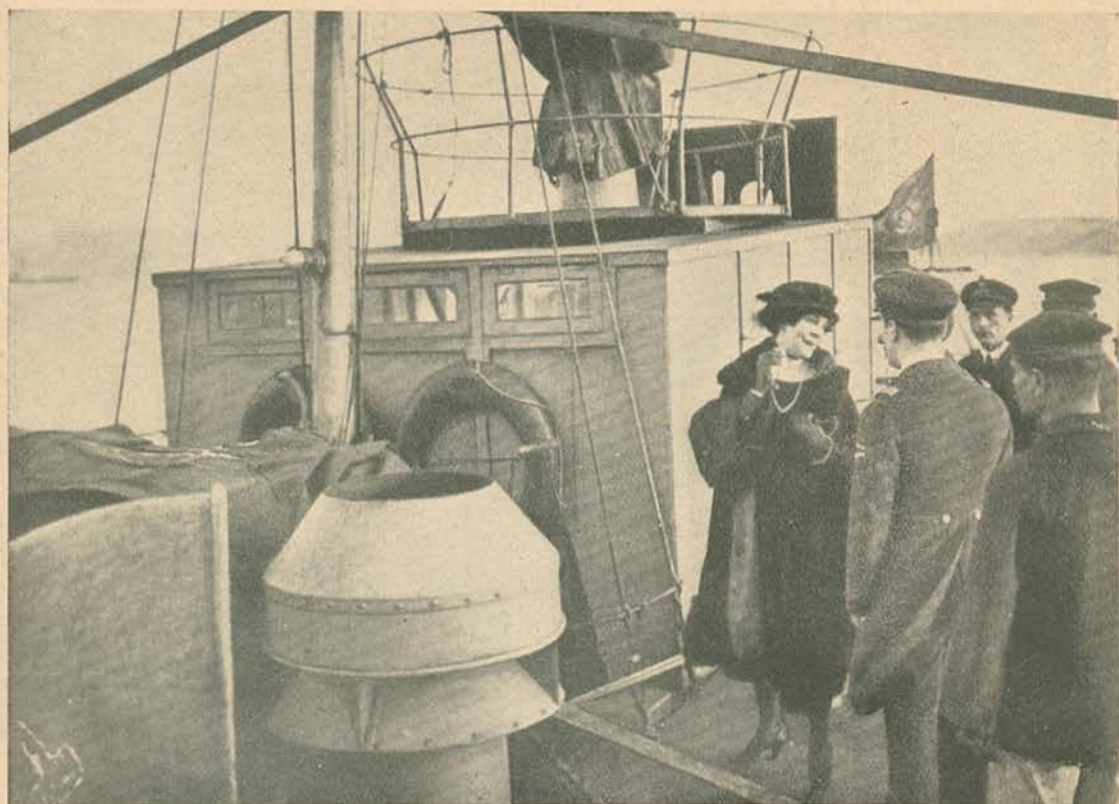
série de cruzadas lusiadas, erguendo alto o nosso nome e a nossa Terra, um fanatismo tenaz pelos nossos troféus, pelos nossos pitorescos, pelas nossas características. Além-mar, Carlos Malheiro Dias tem sido o representante da Alma Portuguesa. E com o seu vulto consagrado de Artista, Carlos Malheiro Dias tem conseguido manter uma forte e vibrante efervescencia portuguesa — luminosa de crenças e de estímulos. Sem ele, quanto teriamos perdido, do nosso prestigio moral, intelectual e historico! Mesmo assim, são muitos os ataques e muitas as violencias que visam Portugal no Brasil. Em todo o caso, Malheiro Dias tem amparado a nossa lenda, tem levantado a nossa messianica e aureolada supremacia. E agora, num arrojo maior, Malheiro Dias quiz decididamente impôr-nos ao respeito unanime da terra de Santa Cruz. E Malheiro Dias, para isso, lançou ombros á iniciativa da «Historia da Colonização Portuguesa no Brasil» — e em pouco tempo, o capital afluia. A colaboração seleccionava-se — e os primeiros fasciculos da obra monumental apareciam, afirmando uma vitoria esplendida e heroica!

Malheiro Dias quiz, assim, indicar claramente ao Brazil o que ele deve a Portugal. Pela intenção, portanto, a sua ideia é alta como um vôo. Materialmente, essa intenção surgiu magnificamente expressa, numa edição sumptuosa e estetica, uma edição que em França se encheu de aplausos e que no Rio se consagrou de sucesso. Em Lisboa, porém, quasi ninguem conhece, quasi ninguem procura a «Historia da Colonização». E nós só preguntamos a Portugal se ha direito de abandonar assim, de esquecer assim, numa inconsciencia tragica, uma ideia que é um dos ultimos gritos portugueses lançado por um dos ultimos devotos da Raça...

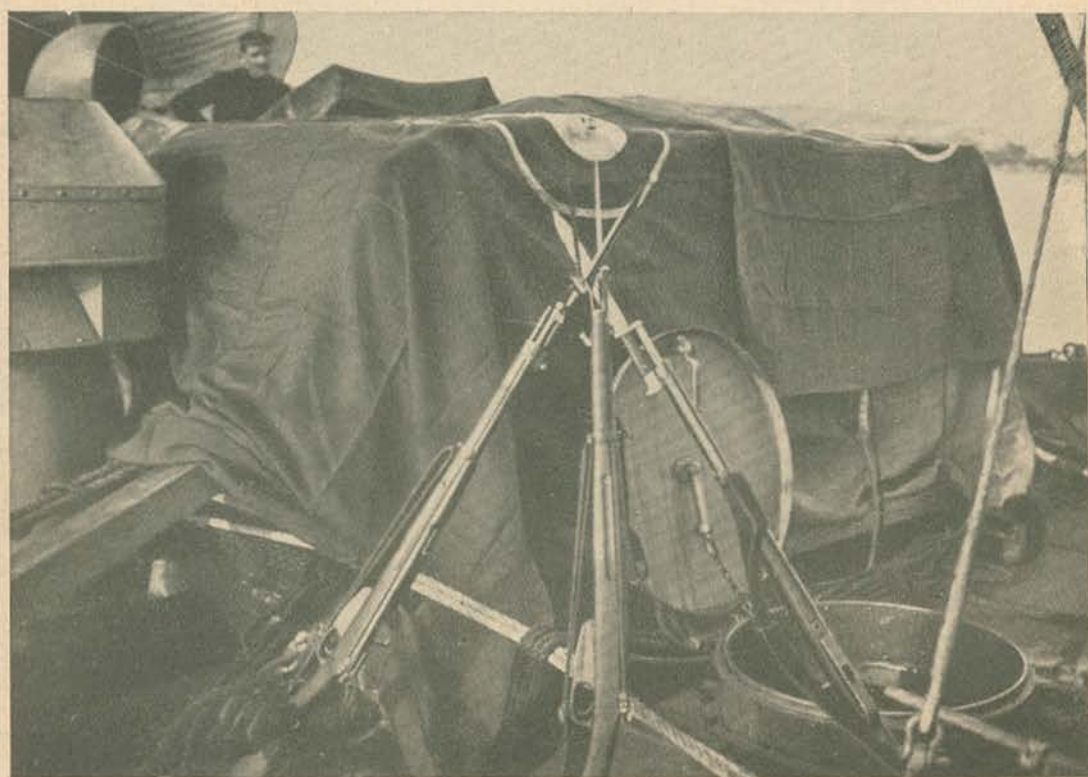


A rua Nova dos Mercadores. (Reconstituição de Roque Gameiro, segundo o «Livro de Horas», de D. Manuel, reproduzido da História da Colonização)

# OS FUNERAIS DO INFANTE D. AFONSO



*A sr.<sup>a</sup> Duquesa do Porto conversando com a oficialidade do «Vouga»*



*A bordo do «Vouga». A urna coberta com a bandeira nacional*



*O desembarque da urna com os restos do Infante. Transporte para a capela do Arsenal*



*Outro aspecto do transporte da urna*



*Aguardando a chegada do cortejo a S. Vicente*



*O cortejo desfilando no Terreiro do Paço*



*Armão, conduzindo a urna, saindo do Arsenal de Marinha*



*Em S. Vicente. Aguardando os restos mortais do Infante*





*O cortejo dando a volta à Praça do Município*



*Chegada a S. Vicente*

*(Clichés Garcez)*

# TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rápido e energico. Tonico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu effeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre ottimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5000. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, r. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmão

## O homem misterioso

Que em 1920 profeti ou a morte de MACHADO SANTOS e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrologo J. Rabestana*, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 réis para a resposta.

## Peçam já o prospecto

É consideravel o numero de pessoas que de todo o pais, ilhas, colonias e estrangeiro estão requisitando matricula no curso de Escrituração Commercial por partidas simples e dobradas professado no

### Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia

L. Trindade Coelho, 7, LISBOA

Peçam já o prospecto do Instituto, que será remetido gratuitamente, e hão-de reconhecer as enormes vantagens do ensino commercial feito em suas casas.

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e tisionomista da Europa

### Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e tiziologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobrelola) — Lisboa



## Na Intemperie

**O** FRIO, a chuva, os ventos, e a humidade, são os causadores de dores reumaticas.

### O Linimento Sloan

é o remedio que mais rapidamente allivia e cura todas as dôres reumaticas, de cabeça, dos hombros, rigidez do pescoço e quadriz. Penetra immediatamente ao logar doído, sem necessidade de friccionar. Não mancha a pelle, nem a roupa.

(Vende-se em todas as Pharmacias)

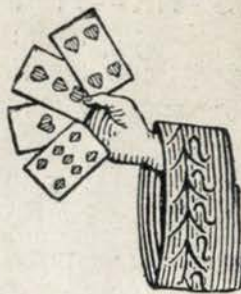
## Linimento de Sloan

MATA DÔRES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º-Lisboa.

11, R. MOUSINHO DA SILVA — Porto

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escisrece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Clmo da rua d'Alegria, predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SÉCULO»

Preço: 20 centavos



# RESTAURANT FORTES

13, RUA NOVA DA TRINDADE, 15

TELEFONE 448 C.

Grandes melhoramentos introduzidos pela nova gerencia, a saber:

**SALÃO DE JANTAR** — E' este um dos melhores salões da Capital, pois contêm todos os requisitos modernos, dando pela sua pintura ligeira e pela magnifica distribuição de luz, uma agradável sensação de alegria aos seus visitantes, tornando-se assim um apreciavel ponto de reunião.

**SERVIÇO DE COSINHA** — Preside a este serviço um escrupuloso cuidado, satisfazendo assim os mais exigentes não só pela qualidade e diversidade de iguarias, como pela prontidão com que *une ! personne d'affaires* deseja ser atendido.

Almoços e jantares de meza redonda — Escolhido serviço por lista  
Impõe-se aos torasteiros

CONCERTOS POR UM MAGNIFICO QUARTETO

Vinhos de todas as qualidades, sendo para notar a especialidade em *PORTO* e *MADEIRA*